

K-FUNK

Trabalho realizado no primeiro semestre do ano de 2018 na EMEF Marli Ferraz Torres Bonfim, localizada no Jardim Mariane, distrito de M'boi Mirim, periferia da zona sul da cidade de São Paulo, com uma turma de 6º ano. O professor e autor atua nesta mesma escola há 8 anos. Os objetivos foram: garantir a pluralidade no currículo, a partir da identificação que o grupo não havia problematizado danças em momentos anteriores; desenvolver o senso crítico, a partir da ampliação da leitura e tematização de práticas corporais pertencentes às culturas do grupo; reconhecer e valorizar a diferença; e hibridização cultural como uma alternativa à superação dos conflitos constantes na turma.

Antes de discorrer sobre a temática e ações didáticas desenvolvidas, se faz necessário uma breve apresentação do grupo. Mesmo concebendo e tentando perceber a diferença presente em todas as turmas em qualquer ambiente/ território, vale ressaltar que esta turma em questão demonstra uma heterogeneidade ainda maior do que outras desta unidade escolar (UE) e isso acaba por deixar marcas no/ do corpo docente. Mesmo o fato do professor estar há bastante tempo nesta UE, no ano anterior não lecionou a este grupo e muito se escutava nos corredores, sala de professores e reuniões pedagógicas sobre o problema que seria essa turma entrando no “fund 2”, pois nela há “alunos com deficiências diversas”. De fato essas diferenças existem e duas das crianças tornam as atividades mais desafiadoras: a primeira por não realizar autonomamente quase nenhum movimento, além de não conseguir falar (*criança A*), a segunda por ter dificuldades em se conter e às vezes dificultar qualquer tipo de discussão, bate papo, roda de conversa, por gritar e estar em constantes conflitos com colegas (*criança B*). A *criança A* demonstra ter pouquíssimo, ou nenhum, prejuízo cognitivo, se tornando muito participativa em muitas atividades, sobretudo em exposições de opiniões, pois com o auxílio de suas colegas, utilizando-se de gestualização facial e por meio de apontamento em seu painel consegue, e exige, se fazer presente. Todavia quando o assunto é movimento ela não tem autonomia. Mais a frente será citado encaminhamentos com essas pessoas.

No início do ano foi feito um mapeamento das práticas corporais que integraram o currículo deste grupo até aqui. Foi feita uma eleição de quais seriam temas neste ano, a partir do critério de privilegiar as que menos ou nunca foram temas anteriormente. Elegemos Danças, Esportes com rodas, Circo e lutas/ artes marciais.

Com o recurso Chuva de Idéias, mapeamos as danças/ ritmos/ músicas relevantes no coletivo. O professor anotou algumas músicas que apareceram, se comprometeu a baixar algumas e solicitou que na próxima aula as crianças trouxessem em seus celulares músicas que gostavam. Em algumas das aulas seguintes utilizamos a sala multiuso da escola, onde iríamos tocar as músicas e dançar as que cada um quisesse. Nestes encontros (umas três aulas para dar conta de totalidade da lista, que continham sertanejos, eletrônicas, samba, funk, k-pop, entre outras) as músicas eram tocadas, parte das crianças dançaram algumas músicas, outras não, enquanto o professor apenas observava e anotava músicas/ ritmos mais relevantes no grupo e constatou que três delas se destacavam: sertanejo, funk e k-pop. Neste momento retomo a *criança A* descrita acima: por sua limitação motora, ela participava com o auxílio do professor e de algumas colegas, deslocando a cadeira de rodas em alusão à dança e o termômetro para esta dança era sua feição (ao sorrir continuávamos e repetiam-se os passos, caso contrário ela era consultada sobre o movimento e se a agradava a pessoa que dançava com ela). Em algumas ocasiões, ao perceber que algumas pessoas se evitavam esse auxílio, por quererem dançar, o professor sugeriu um rodízio de pessoas para atender as necessidades da *criança A* e as demais e surtiu efeito.

Nas atividades descritas acima já era possível perceber entusiasmos e restrições a ritmos e danças por grupos distintos, mas para ampliar o debate, fizemos a seguinte atividade: na lousa fizemos três colunas com as danças funk, k-pop e sertanejo e cada pessoa poderia falar o que gosta e não gosta em cada uma dessas, tudo era registrado com cores diferentes para comentários positivos e negativos. Foi um encontro extremamente tenso. Pude observar que as manifestações culturais Funk e K-Pop eram identidades fortes, inclusive dividindo a grande maioria das crianças, gerando barreiras e conflitos. Além disso, percebeu-se que significados estereotipados e equivocados eram atribuídos a integrantes destas culturas. Este debate evidenciou discursos preconceituosos em relação às ambas manifestações inclusive ocorrendo ofensas bilaterais (“esses caras do

K-Pop são viado”, “essas funkeiras são vagabundas”, “não gosto das músicas e seus palavrões”).

Resolvemos aprofundar nas duas manifestações culturais com atividades de socialização de passos, coreografias e de ampliação destas experiências corporais, onde as músicas tocavam e quem sabia passos ensinava colegas. Por causa do racha do grupo, os tempos para funk e K-pop precisavam ser equilibrados, sob pena do professor ser acusado de privilegiar um ou outro grupo.

Para ampliar os conhecimentos e experiências corporais, utilizamos a tecnologia. Foi solicitado que as crianças listassem músicas que mais gostam, baixei vídeos do “Fit Dance”, “Daniel Saboia” e clipes de K-pop para que pudessemos reproduzir passos. Na sala multiuso da UE estes vídeos eram projetados e as pessoas tentavam reproduzir as coreografias. Esta atividade trouxe gratas surpresas: auxiliou na ampliação de experiências de dança, as crianças observaram passos parecidos no funk e k-pop e os grupos antes totalmente rivais começaram a experimentar, ainda timidamente, a “dança inimiga”. Nesta mesa atividade, novamente um dos meninos disparou ao assistir um dos clipes de k-pop: “esse cara de vermelho é viado!”. Outro momento tenso e conflituoso.

Quando eram observados avanços nas aulas, acontece um fato desestimulante: uma mãe de uma das educandas procura a direção, coordenação pedagógica da escola e posteriormente o professor para reclamar da temática proposta nas aulas de Educação Física. Para ela dança exclui pessoas e não permitia que todas as crianças participassem das aulas e como consequência elas ficariam com déficit em seu desenvolvimento físico/ motor. Ao receber esta familiar e entender de onde vem essa concepção em torno do componente curricular Educação Física, o professor a escuta e tenta dialogar sobre a necessidade e relevância de se abrir espaço no currículo para as mais variadas práticas corporais (danças, esportes, lutas, ginásticas, brincadeiras, etc), lhe mostra seu plano de ensino no Sistema Gestor Pedagógico (SGP) da Rede Municipal de Educação de São Paulo. Refutando os argumentos do educador, a mãe remonta na discussão a “educação física de seu tempo”, onde era obrigada a participar das atividades, senão não teria as notas, inclusive indagando como o professor geraria conceitos para as crianças deste 6º ano, já que algumas crianças não se movimentavam nas aulas. Após uma tensa

conversa, foi dito pelo professor que seu plano estava em acordo com o currículo da cidade e a familiar, contrariada, ficou de verificar junto à “Prefeitura”.

Retomando as ações didáticas, no intuito de aprofundar e ampliar o debate, desenvolver a crítica de cada criança acerca de sua própria cultura e favorecer a hibridização cultural, foi solicitada uma pesquisa com o seguinte roteiro: Onde e quando surgiu? Transformações pelas quais passou? Preconceitos que sofre? O quê você não gosta na manifestação cultural (ritmo) escolhido? Cada pessoa pôde direcionar esse roteiro para o Funk ou K-Pop. Ao perceber que grande parte das músicas do K-Pop eram embaladas pelo RAP, o professor queria levantar a possibilidade de haver semelhanças na origem das duas manifestações. Os resultados foram apresentados e os pontos altos foram as declarações “não gosto do padrão de beleza imposto pelo K-Pop” e “alguns termos do Funk não poderiam ser empregados em qualquer ambiente”. A partir deste debate, com maiores conhecimentos de ambas as manifestações culturais, a barreira entre as duas identidades que vinham conflitando bastante começou a diminuir e, ao observar que preconceitos eram sofridos pelos dois grupos, parece ter desenvolvido certo grau de empatia. Em uma roda de conversa que finalizou este encontro o grupo foi provocado a batizar o tema dos encontros, quando surgiu “K-Funk” em uma alusão à mistura nas aulas.

Com clima bem mais ameno, concordamos que poderíamos criar passos e coreografias. Até aqui só fazíamos reproduções e a intenção também era de que as crianças caminhassem para produções culturais. Fizemos a atividade do “Espelho”: utilizando as mesmas músicas que já vinham embalando as aulas, mas desta vez, em duplas, sempre uma das pessoas faria os passos (incentivadas a criar), ou sequência deles, enquanto a pessoa à frente a copiava (como um espelho), após certo tempo havia a troca. Ao final dessa vivência foi feito um bate papo chamando a atenção sobre o fato de que dançar não é algo pronto e que qualquer pessoa pode criar passos e coreografias.

Para finalizar a problematização, o professor convidou o grupo a sugerir ideias de uma atividade de encerramento do tema. A proposta que teve maior adesão foi a realização de um show de talentos. Grupos utilizaram alguns encontros para criação de coreografias para posterior apresentação. As crianças que não gostavam de dançar se

colocaram na possibilidade de serem juradas, fazer cartazes com as aprendizagens e até de mixar Funks e K-Pops, mas o que ocorreu, de fato, foram as apresentações super produzidas (com figurino e tudo) de coreografias. Um grupo ficou mais inclinado para o Funk, outro para o K-Pop e outros dois realizam coreografias com elementos acrobáticos. Ao final das apresentações todos eram aplaudidos e não aconteceram as ofensas que ocorriam anteriormente.

Uma leitura atenta à prática pedagógica aqui resumidamente apresentada, sugere uma série de críticas e limitações. Todavia, colhe avanços, sobretudo no respeito e convivência entre os grupos diferentes e na desconstrução de preconceitos. Muitas outras aprendizagens poderiam ser proporcionadas, inclusive com maior aprofundamento acerca das manifestações problematizadas, mas o conflito entre as identidades era muito forte e foi priorizado. Encaminhar debates com o intuito de exercitar a empatia parece ter dado resultado, assim como o uso de diferentes estratégias para a experimentação das danças, pois possibilitaram que boa parte das crianças vivenciassem os elementos aos quais em um primeiro momento atacaram. Respeito quer dizer “olhar novamente” e parecer que olhar várias vezes, por diferentes ângulos para as manifestações culturais K-pop e Funk, deu efeito neste trabalho.

